

SE NA TAÇA DE PORTUGAL



Ficha técnica

Estádio das Seixas, na Malveira
Tarde cinzenta com algum vento
Boa assistência

Árbitro: Eugénio Caeiro, auxiliado por Luís Sousa e Fernando Gonçalves (Lisboa)

MALVEIRA - Carlos Alberto, Leite, Alexandre, Gamboa e Oliveira; Batalha, Neto e Jeremias; Carlos Pinto, Amílcar e Torró

Jogaram ainda: Hamilton e Daniel
Técnico: Alberto Bastos Lopes

SINTRENSE - Paulo, Tomé, Fernando Jorge, Artur e Santos; Luís, Mané e Vieira; Rafael, Válder e Marco Paulo

Jogaram ainda: Rodrigues (ex-Tires); Pedro Santos e Abreu
Técnico: Daúto Faquira

Ao intervalo: 1-0

Disciplina: Amarelos para Rafael e Alexandre

Golos: 1-0, aos 25 minutos, por Amílcar (g.p.); 1-1 aos 60m, por Mané; 1-2 aos 70m por Marco Paulo

Sintrense segue em frente (1-2)

Os operários de luvas brancas



O Sintrense segue em frente na Taça de Portugal, depois da vitória na Malveira, num estádio que começa a ser talismã. A equipa de Daúto esteve a perder, mas na segunda parte operou uma notável reviravolta. Em pezinhos de lã...

JOSÉ ROSINHA

Crónica

No passado domingo, no Estádio das Seixas, duas equipas deram nas vistas. O trio de arbitragem, pela negativa, e o conjunto sintrense, pela positiva. O Atlético de Malveira passou despercebido, e para quem é candidato à subida de divisão, os pupilos de Bastos Lopes poucas cre-

denciais mostraram. Este pode ser, bem vistas as coisas, o *sumo* do jogo, que deu a vitória ao Sintrense, por 2-1.

A equipa de Daúto começou o jogo em bom plano. Seria até de Vieira, o primeiro remate de perigo, obrigando Carlos Alberto a

mens da casa. Corriam, naturalmente, os amarelos alguns riscos, tanto mais que, em bolas divididas na zona do meio campo, a superioridade pertencia quase sempre aos rapazes de Bastos Lopes, quer por vantagem física, quer por julgamento precipitado do senhor

bora encolhido, numa tentativa de se desviar da bola, viu com surpresa o juiz da partida apontar a marcar de grande penalidade, após protesto dos homens da casa. De resto, foi um lance muito duvidoso. O fiscal de linha, que acompanhava o ataque do Malveira, de fren-

recido em melhor ocasião. Porém, Daúto não se conformou com o rumo que o jogo parecia querer tomar. Chegado às cabinas, o treinador sintrense fez os necessários ajustamentos, que foram visíveis na etapa complementar.

Ainda assim, no segundo

pa, porque, de facto, o onze que subiu ao relvado valeu pelo colectivo, sem que qualquer elemento tivesse acima da bitola dos outros. Tal como aconteceu na jornada inaugural, a equipa valeu pelo todo, e conseguiu ser a soma das partes, saindo a ganhar, naturalmente, o colectivo.

Contudo, seria injusto não destacar Mané (um ex-Malveira). Por ele, passou grande parte do jogo atacante da equipa, com o mérito de ter conseguido, de forma trabalhada, um gol de grande qualidade.

Antes de terminar, realce-se que Daúto parece estar a construir uma grande equipa. Aliás, não será fácil chegar à Malveira e, de uma situação adversa, partir para um momento de sucesso, embora os últimos registos dos jogos entre os dois clubes apontem para vitórias sorridentes dos amarelos, nas suas deslocações ao estádio das Seixas. Mas de que valerá a tradição, se o empenho e a classe não estiverem presentes?

A bola foi enviada para dentro da área de Paulo, embatendo com violência no braço de Vieira, que embora encolhido, numa tentativa de se desviar da bola, viu com surpresa o juiz da partida apontar a marcar de grande penalidade, após protesto dos homens da casa. De resto, foi um lance muito duvidoso. O fiscal de linha, que acompanhava o ataque do Malveira, de frente para o lance, nada assinalou, sendo de estranhar que, encoberto pelos jogadores, Eugénio Caeiro tenha sido célere a correr para a marca fatal. Chamado a converter o castigo máximo, Amílcar atirou com competência, fazendo o primeiro gol para os locais.

um oportuno desvio para canto. Nem uma nem outra equipa mostravam pressa em resolver a partida, sabendo-se que esta prova não é a principal motivação dos dois clubes. Embora com uma postura positiva, o onze de Sintra defendia muito atrás e dava o domínio territorial da partida aos ho-

Eugénio, que a par dos seus auxiliares, sofreu de caseirismo. Numa dessas situações, e porque o Sintrense defendia de forma perigosa, nasceu o primeiro gol dos locais.

A bola foi enviada para dentro da área de Paulo, embatendo com violência no braço de Vieira, que em-

te para o lance, nada assinalou, sendo de estranhar que, encoberto pelos jogadores, Eugénio Caeiro tenha sido célere a correr para a marca fatal. Chamado a converter o castigo máximo, Amílcar atirou com competência, abrindo o marcador no Estádio das Seixas. O golo, diga-se, não poderia ter apa-

tempo, a exibição do Sintrense terá que se dividir em duas partes: a primeira, em que foi o carregador de pianos; e a segunda, em que foi o pianista. O primeiro momento decorreu até à viragem do resultado (0-1 para 2-1); após a recuperação, a equipa fez então valer o seu futebol. E fala-se em equi-



TIPOGRAFIA GUILHERMINO DIAS, LDA.

• TIPOGRAFIA • OFFSET • MONTAGEM • ENCADERNAÇÃO
• ACABAMENTO • FOTOCOMPOSIÇÃO

Trav. Presentino Pereira - Linhó • Telef./Fax: 923 25 18